

TELEFONE

Ontem, em minha casa, um amigo recebeu aviso de que alguém, de S. Paulo, o havia procurado pelo telefone, e deixara recado para que ele telefonasse.

Era 8 da noite. Meu amigo discou 01 e ficou esperando. Não respondia. Depois de meia hora ocupei o seu lugar. Disquei 01; durante cinco ou dez minutos havia um silêncio absoluto. Depois vinha o ruído da chamada. E ficava chamando, chamando indefinidamente, dez, vinte, trinta minutos, o tempo que dura-se a nossa paciência. Pelas 9 da noite tivemos a idéia de discar 00 e falar com a "telefonista de auxilio"; depois de se fazer esperar alguns minutos, ela disse que sentia muito, mas nada podia fazer; se eu queria falar para S. Paulo devia discar 01. Tentei objetar que isso era inútil; que eu não tinha feito outra coisa nos últimos tempos senão discar 01; que desejava falar com alguém que pudesse tomar alguma providência. Muito antes que eu dissesse a terça parte disso, a "telefonista de auxilio" já havia desligado. Cansado, passei o fone para o meu amigo. Ele tentou novamente 01 durante algum tempo. Não atendia. Voltou ao 00. Também não atendia. Voltou ao 01. Voltou ao 00.

Mal começou a explicar o que desejava, recebeu a mesma resposta e, antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a ligação foi cortada. Já enfurecido, ligou novamente para 00 e tomou o partido, não muito cavalheiresco de, no lugar de expor seu problema, começar a conversa com alguns palavrões. Isso surtiu algum efeito: a moça mandou que ela ligasse para 05 e pedisse "telefonista chefe de interurbano". Discou 05, e a moça de 05 informou que o ramal da chefe de interurbanos estava ocupado. Voltou ao 01, inútilmente, depois tornou a discar a 05 por duas ou três vezes, recebendo sempre a mesma resposta: ramal ocupado. Da quarta vez empregou a técnica do palavrão, mas sem qualquer efeito: ramal ocupado.

Novamente 01, nova espera, nada. Já passava de 10 da noite quando 01 atendeu. Primeiro a telefonista lhe deu um número errado em S. Paulo, e afinal lhe deu o certo. A pessoa que esperava seu telefonema desde às 8 horas havia saído minutos antes.

Tudo que há a lamentar nessa história são os palavrões ouvidos pelas pobres moças. Que elas desculpem o meu amigo. Ele tinha pressa, tinha necessidade e tinha sobretudo direito de falar para S. Paulo. Está a tentando usar um serviço público de taxas elevadíssimas, altamente lucrativo para uma empresa particular. Teria certamente o maior prazer em dirigir os palavrões a algum diretor responsável pela ineficiência e desleixo do serviço ou a alguma autoridade pública responsável pela fiscalização desse serviço. Sabe que na engrenagem dessa empresa as telefonistas são peças humildes, empregadas mal pagas, tão vítimas da Companhia como os assinantes, tão exploradas como eles — mas não tinha mais ninguém com quem desabafar.

O prefeito do Distrito Federal e os vereadores que seguem sua política dispõem-se a cometer uma grossa imoralidade, que consiste em conceder favores ainda maiores a uma companhia estrangeira que vive a extorquir, enervar e desservir a população. Isso será feito, com certeza, em nome do trabalhismo do Pai dos Pobres. Façam o que quiserem: a cidade é deles, o país é deles, e os diretores e advogados da Companhia sabem ser simpáticos — pois ganham muito para isso e têm meios para isso. O sr. Malvino Reis, diretor comercial, já não participa de reuniões partidárias reservadas? Estejam à vontade, senhores vereadores da maioria. Mas não se assustem quando o meu amigo e mais algumas dezenas de milhares, centenas de milhares de cidadãos compreenderem que não são precisamente as pobres telefonistas que merecem ouvir palavrões.

6/12/53

R. B.

238